V. 9, N. 2 (2022)
HISTÓRIA PÚBLICA: DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS
ISSN: 2318-5503

AMÉRICA LATINA: POVO SEM PERNAS, MAS QUE CAMINHA

RESUMO: Este trabalho de resenha tem como intuito construir uma compreensão sintética e analítica sobre a obra "América Latina na encruzilhada: Lawfare, Golpes e Luta de Classes", publicado no ano de 2020 pela editora Autonomia Literária, organizada por mais de uma dezena de autoras e autores latino-americanistas preocupados com os destinos do continente.

PALAVRAS-CHAVE: América Latina; Esquerda política; Tempo Presente

Introdução e Autores Organizadores

Na esteira de discussões acadêmicas e políticas relevantes e atuais travadas no Brasil dos últimos anos, onde apontamos uma em especial, "*Uma história da onda progressista sul-americana (1998-2016)*", de 2018, organizado pelo historiador Fábio Luis Barbosa dos Santos – entre os pessimismos que rondam o tempo presente global, mas em especial o latino-americano – emergiu por conseguinte a obra "*América Latina na encruzilhada: Lawfare, Golpes e Luta de Classes*", construindo narrativas analíticas capazes de proporcionarem um entendimento panorâmico a respeito dos processos políticos, econômicos e sociais da América Latina contemporânea após a chamada "maré rosa", conjuntura histórica em que partidos, frentes e coalizações de esquerda aliadas a movimentos sociais antissistêmicos de países como Venezuela, Uruguai, Argentina, Chile, Equador e Brasil chegaram ao poder, vitoriosos em seus diferentes processos eleitorais, guardadas as suas devidas distinções.

Publicado em 2020 pela editora Autonomia Literária, *América Latina na encruzilhada* abarca artigos extensos e profundos de quatorze especialistas em suas específicas áreas de atuação e campos de análise crítica dos estudos latino-americanos dentro das Humanidades em geral, sendo organizada por Roberto Santana Santos, doutor em Políticas Públicas e mestre em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); João Claudio Platenik Pitillo, mestre em História Comparada (UFRJ) e doutorando em História Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio); e María del Carmen Villarreal Villamar, doutora em Ciência Política pela Universidade Complutense de Madrid e pesquisadora do Grupo de Relações Internacionais e Sul Global (Grisul). Obra essa que conta com 414 páginas, compilada por esses três latino-americanistas de renome, de

forma a trazer aos leitores brasileiros – mais acadêmicos que leigos – uma tentativa de "compreensão totalizante" da América Latina atual.

Na tentativa de ser totalizante e panorâmica, promove uma conexão pertinente entre os textos elencados. A escolha dos temas e autores também não é obra do acaso, pois existe uma relação explícita entre o sujeito acadêmico e o político, aquele que escreve e, ao mesmo tempo, move-se neste tabuleiro de difícil compreensão que se tornou a América Latina no raiar do século XXI. Se existe um público-alvo para a obra seriam aqueles capazes de compreender a pluralidade de visões de esquerda presentes sobre o continente. É destinada para os que estão inseridos na região, que vivem e observam, mesmo que de longe, a precariedade dos serviços públicos, a miséria crescente em razão do fosso social que exponencialmente aumenta e a dificuldade de se locomover e fazer ecoar um discurso político capaz de promover uma mudança para além das tentativas (entre acertos, equívocos e obstáculos) daqueles que os precederam. Há um retorno aos teóricos clássicos – como no sexto capítulo "*Cuba: a revolução buscando seu socialismo*", onde Ernesto "Che" Guevara e Fernando Martínez Heredia são constantemente evocados – e as suas contribuições para o debate mostram-se profícuas.

É relevante o retorno às conjunturas políticas, instabilidades econômicas e processos e agitações sociais da segunda metade do século XX, principalmente para acontecimentos-chave como a deflagração de Golpes de Estado Civil-Militares e processos revolucionários e reformistas. Para os organizadores da obra, apresentada como um trabalho coletivo de olhares heterogêneos, há claramente uma quantidade sobrepujante de permanências que "acorrentaram" o presente da "maré rosa" latino-americana, que inicia-se na eleição de Hugo Chávez, na Venezuela, e a sua chamada Revolução Bolivariana, e termina com as destituições de presidentes como Fernando Lugo, no Paraguai, Dilma Rousseff, no Brasil, até o golpe de Estado contra Evo Morales, na Bolívia, as derrotas eleitorais das frentes de esquerda na Argentina e no Equador, culminando, na contramão, com a ascensão de López Obrador, no México, vista pelo autor Antonio Palazuelos Manso, sociólogo e doutor em Ciências Políticas pela Universidad Complutense de Madrid, como a história de um fracasso anunciado.

Como se existisse, à época de recorte, que vai do ano de 1998 a 2019, na qual entraram em cena novos atores políticos e novas formas de fazer política, um longo passado a ser superado – assim como um futuro que precisava ser construído em contraposição às forças de direita, aos conservadores e ao neoliberalismo globalizado que representariam esse passado. Para os três organizadores da obra, o objetivo era "oferecer um panorama latino-americano dos governos

revolucionários, social-liberais ou até de forças políticas de esquerda que não chegaram ao governo"[381]. Objetivo este que obtém sucesso inegável durante a empreitada.

IV "Partes" Distintas

Dividido em quatro partes distintas[382], relacionáveis e em conexão, *América Latina na encruzilhada* parte da premissa que o leitor necessita compreender a centralidade do Estado-Nação no desenrolar da história da América Latina contemporânea. Na "Parte I: Panorama latino-americano no século XXI", há a preocupação inicial de situar-nos no tempo – tempo este de "terra arrasada", período de derrotas para os reformistas da esquerda tradicional, nascedouro de um conservadorismo de extrema-direita e o momento histórico do "pós-progressismo". Conceito que é levado ao título do primeiro capítulo, "*Sobre o pós-progressismo na América Latina: contribuições para o debate*", do argentino Atílio Borón, professor titular da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade de Buenos Aires, e Paula Klacko, historiadora na Universidade Nacional de Avellaneda e da Universidade Nacional de José C. Paz.

Em seguida, em "*Sobre o Estado, o poder político e o Estado independente*", de Jaime Osório, partícipe do departamento de Relações Sociais da Universidad Antónoma Metropolitana, há a necessidade premente de compreender as estruturas e instituições do Estado burguês. Notório que Osório escreva: "Em diversos graus, o Estado tem a particularidade de assumir demandas e posições de todas as classes, frações e setores. Porém, assume-se com a condição de que há classes que detêm poder e outras não"[383]. Diferentemente dos anos 1980 e 1990, "era de ouro do neoliberalismo", na maré rosa latino-americana, grupos e sujeitos políticos que não detinham poder, principalmente o econômico, ocuparam suas respectivas estruturas de Estado, como um indígena na Bolívia e um ex-sindicalista no Brasil.

Na Parte II, "Progressismos e revolução, organização popular, novas condições e lutas capitalistas", é interessante notarmos quais regiões estão analisando as autoras e autores: Venezuela, Bolívia, Equador e Cuba. Se a última realizou o seu processo revolucionário no início da década de 1960, os três outros estiveram – e de alguma forma ainda estão – frente a frente com "novas condições" históricas, em uma diferente conjuntura. Não há como mimetizar a experiência

[381] 2020, p. 08.
[382] Utilizamos a palavra "parte" exatamente como está na obra, almejando aproximar-nos da forma mais fidedigna possível das separações dos capítulos.
[383] 2020, p.39

socialista cubana, como não houve como mimetiza-la em nenhuma outra região do continente desde a segunda metade do século XX. Ela é vista como "farol". Ilumina, mas a luz permanece e permanecerá apenas no horizonte.

Como exemplos, a obra traz os artigos "*Venezuela: breve história e análise da Revolução Bolivariana*", de Roberto Santana Santos, doutor em Políticas Públicas na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); "*Bolívia há doze anos do processo de mudança: desafios, apostas e riscos",* de Rebeca Peralta Mariñelarena, mestra em Estudos Latino-americanos pela Universidade Nacional Autónoma do México; "*A via equatoriana: luzes e sombras da Revolução Cidadã*", por María Villareal Villamar, doutora em Ciência Política pela Universidad Complutense de Madrid; e "*Cuba: a revolução buscando seu socialismo*", de Luís Eduardo Mergulhão Ruas, doutor em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Na Parte III: Progressismo e reformismo: avanços sociais e limites estruturais, o Brasil aparece como intrincado quebra-cabeças a ser montado, um mistério a ser desvendado. As indagações a respeito das razões para a derrocada do projeto petista e a ascensão da extrema-direita com o advento do golpe de Estado de 2016 contra a presidenta Dilma Rousseff são vistas no texto "*Brasil: o fim da Nova República – Quebra do arranjo político, crise de representatividade e golpe de Estado no ocaso da república liberal brasileira*", assinado por Roberto Santana Santos, doutor em Políticas Públicas pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), e João Cláudio Platenik Pitillo, um dos organizadores da obra.

As agitações partidárias e eleitorais na Argentina, "*Argentina e as lutas populares em uma perspectiva anticapitalista",* por Julio Gambina, doutor em Ciências Sociais pela Faculdade de Ciências Sociais da Universidades Nacional de Buenos Aires (UBA); o projeto de coalizão da Frente Ampla uruguaia, em "*Uruguai: a continuidade do projeto do capital com legitimação social",* por Antonio Elías, economista e docente pela Universidade da República de Uruguai; e as tentativas de transformação social e econômica paulatinas – com ênfase na questão fundiária – no Paraguai, até o golpe de Estado de 2012, em "*Paraguai: o golpe de estado de classe de 2012 e o governo entreguista antinacional*", por Cecilia Vuyk, cientista política na Universidad Nacional de Asunción, também são as temáticas centrais dos artigos que seguem.

Há uma clara exposição crítica de que para essas regiões do continente latino-americano e seus respectivos governos, os limites institucionais do Estado burguês estavam bem traçados. Pouco podia-se fazer para ultrapassá-los como fizeram, em condições distintas, não da forma que muitos aliados e grupos políticos almejavam, Venezuela, Cuba, Equador e Bolívia.

Na Parte IV: Nem progressismo, nem revolução: a resiliência do neoliberalismo na América Latina, o neoliberalismo é revelado, pelas autoras e autores dos artigos finais, como um fantasma que ainda ronda as regiões do continente, um problema estrutural de difícil superação. Há um foco maior no Chile e a sua institucionalidade pós-ditatorial em "*Os caminhos para uma nova esquerda chilena no século XXI*", de Matías Ortiz Figueroa, historiador pela Universidade Andrés Bello; "*Estado, luta de classes e novo contexto de paz na Colômbia*", de Sergio Quintero Londoño, doutor em Serviço Social também pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); "*Movimentos sociais e partidos políticos nas dinâmicas da esquerda peruana*", de Ricardo Palácios, filósofo pela Universidade Mayor de San Marcos; e, por fim, "*México e o seu momento: a história de um fracasso*", de Antonio Manso, pesquisador da V Faculdade de Ciências Políticas e Sociologia da Universidad Complutense de Madrid.

Relevante apontarmos que em cada texto, os estudiosos tentam apreender a força das classes dominantes latino-americanas e a "confusão e perplexidade"[384] no domínio do Estado, como classificou Darcy Ribeiro, em ensaio sobre as diferentes tipologias de lideranças políticas latino-americanas. Há tentativas de mudança estrutural – mas não há meios eficazes de enfrentamento para o combate.

Das Considerações Finais

América Latina na encruzilhada: Lawfare, Golpes e Luta de Classes é uma obra que reúne as maiores referências e nomes dos estudos latino-americanos da atualidade. É responsável, como expuseram os seus organizadores, por uma gama heterogênea de correntes teórico-críticas sobre a América Latina contemporânea – desde vieses revolucionários até perspectivas reformistas –, todos com vistas ao bem-estar social dos latino-americanos.

Observar os governos da maré rosa que se estenderam pela maioria das regiões como "projetos revolucionários", inserindo-se na institucionalidade das estruturas políticas e econômicas burguesas, seria um erro. Mesmo nas chamada "Revolução Bolivariana", na Venezuela, e a "Revolução Cidadã", no Equador. As autoras e autores esclarecem isso com altivez. Não existe comparação possível com a Revolução Cubana de 1959, momento-chave da História latino-americana – apesar de todas as críticas e apontamentos analisados por Luís Eduardo Margulhão Ruas, doutor em História pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).

[384] RIBEIRO, 2017, p.30.

Todos os artigos elencados em suas distintas "**partes"** compreendem a luta e a defesa dos direitos humanos, a diminuição das desigualdades sociais, inclusão de populações originárias e a agitação popular e estudantil de todos os governos que vão de 1998 a 2019. Os acontecimentos revolucionários em Cuba, por exemplo, são lidos mediante problemas que dizem respeito ao seu presente, e não apenas ao seu passado. São coalizações partidárias, processos eleitorais vitoriosos, rearranjos políticos e econômicos, entre os caminhos e descaminhos da História. Em todos os escritos apresentados há uma tentativa marcante, e bem-sucedida, de regressar aos processos históricos da segunda metade do século XX, mostrando o tempo presente latino-americano não como resultado diretamente relacionado a um ou outro acontecimento ou conjuntura, mas como um continente sedimentado por diversas temporalidades: passados que ainda insistem em não passar.

A obra é uma contribuição acalentadora para os debates acadêmicos e políticos sobre a América Latina no tempo presente. Um presente marcado por autoritarismos explícitos, prisões de opositores políticos considerados "subversivos" (Lawfare) e golpes de Estado jurídico-parlamentares, muitas vezes sem armas e um único tiro disparado. Nesse período sinalado pela desesperança, a obra nos mostra os caminhos a se evitar e aqueles outros, *onde se abrirão as grandes alamedas por onde passará o homem livre*.

Referências

RIBEIRO, Darcy. **América Latina**: a Pátria Grande. São Paulo, Ed. Global, 2017.

SANTOS, Santana R.; PITILLO, João Cláudio P.; VILLAMAR, Maria de Carmen V.; **América Latina na Encruzilhada**: Lawfare, Golpes e Luta de Classes. São Paulo, Ed. Autonomia Literária, 2020.